O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 13 | Nº 38 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.7648110

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

AS AMEAÇAS LÍQUIDAS E HÍBRIDAS SOBRE O CAÓTICO AMBIENTE AMAZÔNICO

Alexandre Santana Moreira [1]

Tássio Franchi[2]

Resumo

Este artigo busca entender o caótico ambiente da Amazônia Brasileira e suas idiossincrasias. Para isso, há a necessidade de compreender a modernidade líquida atual e a fluidez das relações modernas, as quais são exploradas pelos países detentores de um forte Sharp Power, podendo agravar as ameaças híbridas já existentes na região. Foi realizado uma pesquisa bibliográfica e será realizado uma pesquisa de campo. Na pesquisa bibliográfica, analisou-se as obras básicas sobre o tema e alguns assuntos correlatos. Na pesquisa de campo, será feito uma Análise Fatorial e uma Regressão Logística, por meio de um questionário survey, com cinco níveis na escala Likert, e questões de sim e não, dentro de uma metodologia quantitativa, para verificar a percepção dos entrevistados sobre o assunto em questão, buscando-se uma amostra compatível ao nível da pesquisa pretendida, a fim de reforçar as conclusões teóricas levantadas pelo estudo. A intenção para a amostra é selecionar militares, com o curso de altos estudos, com experiência na região amazônica para contribuírem para um resultado válido. O tratamento dos dados será realizado com uso da Análise Fatorial, usando o software SPSS 26.0 como ferramenta de processamento, para que se possa garantir dados estatisticamente confiáveis.

Palavras Chave: Amazônia; Ameaças Líquidas; Guerra Híbrida; Teoria do Caos.

Abstract

This article seeks to understand the chaotic environment of the Brazilian Amazon and its idiosyncrasies. For this, there is a need to understand the current net modernity and the fluidity of modern relations, which are exploited by the countries holding a strong Sharp Power and may aggravate the hybrid threats already existing in the region. Bibliographic research was carried out and a field research will be carried out. In the bibliographic research, we analyzed the basic works on the subject and some related subjects. In the field research, a Factor analysis and a Logistic Regression will be done, through a survey questionnaire, with five levels on the Likert scale and yes and no questions, within a quantitative methodology, to verify the perception of the interviewees on the subject in question, seeking a sample compatible at the level of the intended research, in order to reinforce the theoretical conclusions raised by the study. The intention for the sample is to select military personnel, with the course of high studies, with experience in the Amazon region to contribute to a valid result. Data processing will be performed using Factor Analysis, using SPSS 26.0 software as a processing tool, so that statistically reliable data can be guaranteed.

Keywords: Amazon; Chaos Theory; Hybrid Warfare; Liquid Threats.

INTRODUÇÃO

A Amazônia Brasileira compreende uma vasta região do País, habitada por cerca de 38 milhões de brasileiros, rica em recursos minerais, vegetais e em diversas outras áreas e, por isso mesmo, precisa ser devidamente defendida e desenvolvida.

Entender as relações existentes complementares e ambíguas entre os diversos atores internos e externos neste ambiente favorecem a tomada de decisão e a adoção de políticas viáveis, por isso a

[1] Graduado em Ciências Militares. Doutor em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). E-mail para contato: alex_smor@yahoo.com.br

[2] Graduado em História. Doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail para contato: tasfranchi@gmail.com

proposta de integrar os conceitos da teoria do caos ao contexto de estudo, favorecem uma melhor compreensão da região.

Neste diapasão, emerge a necessidade de compreender à modernidade líquida e a fluidez das relações atuais, os quais são conceitos usados por países que empregam sua capacidade de influenciar o ambiente político e informacional dos países de interesse, contribuindo para entender as ameaças híbridas e suas técnicas, bem como o que pode ser usado para ameaçar a Amazônia brasileira.

A guerra híbrida surge com suas diversas vertentes de entendimento, neste artigo não se busca debater a variedade de definições e abordagens sobre o termo, existindo aqueles que o defendem e os que não o aceitam, mas a partir da definição Korybko (2018), o qual apresenta uma visão Russa sobre o assunto, verificar se o conceito pode ser aplicado em território nacional, em especial na Amazônia Brasileira.

Neste trabalho será discutida uma possível correlação entre as ameaças líquidas e híbridas sobre a Amazônia, por meio de uma análise fatorial e uma regressão logística, a fim de identificar seu grau de interação, de modo a fomentar debates acadêmicos acerca de assuntos atuais e importantes na agenda brasileira de defesa e de segurança.

TEORIAS DE SUPORTE, MÉTODOS E DADOS

O Caótico Ambiente Amazônico Brasileiro

A Teoria do Caos estuda sistemas não lineares e determinísticos, nos quais pequenas alterações de seus componentes podem gerar grandes mudanças no final do processo.

O caos pode ser emergente ou deliberado, segundo Matos, Matos e Almeida (2007), sendo o emergente inesperado e podendo requerer uma ação não prevista, já o deliberado é provocado de forma intencional desde o princípio. Contudo, com a evolução dos sistemas na direção da desordem e complexidade, o ambiente também é alterado, fazendo com que evoluam juntos, o ambiente e as organizações, conforme afirma Wheatley (2006).

De forma resumida, o entendimento de sistemas caóticos pode ser expresso segundo as seguintes variáveis, segundo Vieira, Martins e Gonçalves (2014): Entropia e sistemas dissipativos; Mudanças e ponto de bifurcação; Estrutura fractual; Atrator; Limiar do caos, dependência sensitiva as condições iniciais e irreversibilidade; Auto-organização; e Feedbacks e mudanças.

A entropia ou segunda Lei da Termodinâmica enfatiza a quantidade de desordem do sistema analisado, de forma que a entropia será maior, quanto menor for sua organização, tendo na fase de

equilíbrio o valor nulo. A velocidade de um sistema em produzir sua entropia é o próprio desequilíbrio, contribuindo para a recriação de outras associações e redes, sendo a característica de um sistema dissipativo (WHEATLEY, 2006).

As mudanças em um sistema podem ocorrer lentamente, mudança incremental, ou de forma inesperada, mudança ambiental, mas todo sistema é sujeito à perturbações, a desordem, a instabilidade e ao acaso. Por isso, cada sistema interage com ambiente externo, a fim de buscar o equilíbrio, o qual é difícil de ser encontrado neste ambiente, chegando a um ponto irreversível, conhecido como ponto de bifurcação. Após esse ponto, o comportamento fica desordenado, buscando um novo equilíbrio, sendo um ponto diferente do original (MATOS; MATOS; ALMEIDA, 2007).

Estrutura Fractal, segundo Ckeik (2008), refere-se a um sistema composto por ramificações, as quais se comportam de maneira semelhante. Para Wheatley (2006), seria como comportamentos autossemelhantes, ou seja, são padrões que se repetem.

Atrator é o ponto de equilíbrio dinâmico em sistemas não lineares, tendo nos sistemas caóticos, a figura do atrator estranho, o qual é esse ponto de equilíbrio, onde os sistemas de auto-organizam (WHEATLY, 2006). Contudo, Smith (2002) adverte a existência de atratores positivos e negativos, ou seja, os positivos atraem o sistema para si, enquanto os negativos, repelem o sistema a partir de seu ponto de referência.

O limiar do caos é entendido como o conjunto de fatores que forçam uma mudança aproximando-se de um atrator, conforme descreve McBride (2005). Contudo, Freitas (2005) acrescenta que os sistemas possuem uma dependência sensível às condições iniciais, ou seja, qualquer pequena variação, pode gerar grandes transformações. Isso ocasiona uma impossibilidade de reverter a situação analisada às condições iniciais.

A auto-organização é a capacidade de um sistema complexo adaptar-se ao ambiente, sem a necessidade de um controle, é uma organização espontânea, é a autopoiese (ANSELMO, 2005; WHEATLY, 2006).

As mudanças são inerentes aos sistemas complexos e a retroalimentação ou feedbacks geram reações que reforçam as ações em curso ou as corrigem, podendo ser classificadas em positivas e negativas, quando, respectivamente, faz o sistema em análise progredir e o outro funciona regulando as dificuldade e problemas do sistema analisado (RESENDE, DIAS, 2021).

Assim, é possível afirmar que no ambiente amazônico, analisando-o sob a ótica da teoria do caos, observamos a vigência de conceitos opostos como o desenvolvimentismo e preservacionismo contribuem para entender o ambiente em questão, bem como conceitos ambíguos como os conceitos de

desmatamento e preservação do ambiente, favorecendo uma crescente entropia na região, ora agindo de forma deliberada, ora de forma emergente (VARGAS; MINEV, 2021; BORGES, 2020).

Nesta linha, é possível identificar que o conceito de desenvolvimento sustentável, estabelecido pela ONU, em 2011, no Relatório sobre o Desenvolvimento Humano, no qual ressalta que o bem-estar das populações sofre impactos advindos da exploração econômica. Assim, a busca de uma justiça mais distributiva da exploração dos recursos em detrimento de desenvolvimento exploratório, sem retorno as populações nativas, contribui, também, para o aumento da entropia.

O relatório Brundtland define o conceito de desenvolvimento sustentável como um processo de mudança em que qualquer medida que venha a ser tomada visa a atender o potencial humano atual e futuro (HANAN; BATALHA, 1995), podendo ser identificado como um ponto de bifurcação nas propostas de crescimento, desenvolvimento e melhora voltadas à região, pois cada uma delas deverá mudar sua forma de agir e se adaptar aos novos conceitos vigentes.

Além disso, Nascimento (2005) lembra que o acesso às riquezas minerais, já acontecem, e que estas explorações seguem as determinações comerciais internacionais e acordos nacionais, como são os casos da Albras (Alumínio do Brasil S.A.) e do Projeto Jari, tudo dentro da "geopolítica da biodiversidade", entendida como a "aplicação do manejo sustentável como procedimento estratégico para a conservação da diversidade biológica e dos ecossistemas na Amazônia" (NASCIMENTO, 2005, p. 227), reforçando a mudança na visão empreendedora na região, mas mantendo a visão da natureza como recurso (FRANCHI; DRUMMOND, 2022).

O ordenamento espacial, onde seria possível unir o planejamento socioambiental ao desenvolvimento econômico, cria uma região denominada Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE), conforme Ferreira *et al*. (2005, p. 164). Mas, apear da ideia ser razoável, o autor, também, destaca a grande dificuldade de rentabilidade destes empreendimentos, tendo uma grande possibilidade de ser um ponto de bifurcação no entendimento da distribuição espacial da Amazônia.

Nesta ótica, a visão desenvolvimentista gera um crescimento econômico, apesar de conciliar o crescimento social e a conservação do meio ambiente, produz algum tipo de impacto ao meio ambiente, conforme Costa e Sola (2012), reforçando a bifurcação nas decisões exploratórias na região.

A estrutura fractal na Amazônia pode ser identificada com a convivência entre os indígenas, as comunidades quilombolas, agricultores, grileiros, posseiros, missões religiosas, organizações militares e a sociedade em geral, favorecendo uma interação entre todos os envolvidos, dando origem a forma de ocupação da região, com suas disputas e contendas, mas que pertencem ao todo analisado e geram padrões que se repetem ao longo do tempo (FRANCHI, 2013).

> [...]contribuição no entendimento da Amazônia, em especial no contexto de políticas públicas e estratégias de consolidação de expansão territorial, os múltiplos aspectos interligado, abordando, o geográfico, o político, o econômico, o social e ambiental, diante de um contexto inicial da era da globalização e como as questões militares exerceram, no contexto nacional, um poder integração (LOPES, 2021).

Como atrator, Bertha Becker (2005), ressalta em sua publicação "Geopolítica da Amazônia" a existência de dois movimentos geopolíticos internacionais, sendo "um de nível financeiro, da informação, do domínio de poder das potências, e outro uma tendência ao internacionalismo dos movimentos sociais", tendo nessas duas posições uma força de atração e repulsão, ou seja, atraindo para si ou repelindo ações e diretrizes para região no cenário internacional. Nacionalmente os movimentos de atração e repulsão impulsionados pelas dinâmicas de expansão das fronteiras econômicas se chocando movimentos de preservação e resistências locais.

A auto-organização, que gera a autopoiese, pode ser entendida pela criação da Organização do Tratado de Cooperação Amazônico (OTCA), destacando um esforço de investimento e integração com base nos deslocamentos fluviais, além de valorizar as cidades fronteiriças gêmeas como Letícia-Tabatinga no Amazonas, reforçando a necessidade de se realizar uma revolução técnico-científica na Amazônia, a fim de aproveitar suas riquezas, sem depredá-las (BECKER, 2005).

> Um outro elemento importante da integração reside nas cidades gêmeas – Santa Helena e Pacaraima em Roraima, Tabatinga e Letícia no Amazonas, além de outras no Acre, onde já existem embriões de integração, fluxos e equipamentos que podem acelerar o intercâmbio. Aliás, a cidade é um elemento fundamental no desenvolvimento e planejamento da Amazônia, porque nela a população está concentrada, constitui o nó das redes de relações, e pode, inclusive, impedir a expansão demográfica na floresta (BECKER, 2005, p. 80).

Outro fator é o uso de ações da conhecida "paradiplomacia", onde ocorre uma certa descentralização na construção de políticas públicas com entidades externas por meio de entes subnacionais (Estados, Municípios e Secretarias) (ESPÓSITO NETO, GHADIE, 2022). Como exemplos, a assinatura da Cooperação Técnica Internacional do Estado do Tocantins com a África do Sul e a participação de governadores dos estados amazônicos na "Amazon-Madrid", onde se compartilhou conhecimentos entre o setor produtivo nacional amazônico e as políticas ambientais internacionais durante a COP-25, em 2019, na Espanha (COSTA, 2020).

O limiar do caos pode ser identificado, por exemplo, na crise dos incêndios na Amazônia, em 2019, onde o governo brasileiro passou a ser duramente criticado por vários órgãos internos e externos, como por exemplo as críticas feitas por diferentes setores sociais e autoridades internacionais como o presidente Francês, Emmanuel Macron, as quais foram repercutidas em diversos meios de comunicação.

Como resposta foram realizadas mudanças na cadeia de comando como do Conselho da Amazônia, criado em 1995 subordinado ao Ministério do Meio Ambiente, e que desde a crise de 2019, foi realocado diretamente sob a vice presidência da república. Com a finalidade de reunir os chefes de vários setores e ministérios para deliberar e decidir sobre assuntos que envolvem a Floresta Amazônica, comportando-se, também, como atrator e ponto de bifurcação para as ações de proteção e gerenciamento das atividades na região.

As Ameaças Líquidas e Híbridas

Os atores sociais realizam suas ações e atividades de forma independente, porém interconectadas, devido, entre outros fatores, ao advento da tecnologia em nossas vidas.

As relações entre os diversos atores clamam a necessidade de ter projetos para realizar seus interesses, gerando a sociedade em rede, no dizer de Castells (1999), por isso a vida é "nunca estar sem projetos, sem ideias, ter sempre algo em vista, em preparação" (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 142-143).

Desta forma, Price (2004) afirma que a organização social em rede para a ser essencial para compreender as relações complexas de grupos e indivíduos por meio de mecanismos e eficientes e com regras muito simples, com todo tipo de interesse e ideologias, podendo ser, uma empresa, movimentos sociais, organizações criminosas, entre outros, pois a lista de atores que surge é imensa (NEIVA FILHO, 2014).

Nesse sentido, Castells (1999) faz uma comparação entre as ferrovias que definiam os mercados na economia industrial e a infraestrutura tecnológica que define as redes atuais, sendo "a rede especialmente apropriada para a geração de laços fracos múltiplos, úteis no fornecimento de informações e de novas oportunidades a baixo custo" (CASTELLS, 1999, p. 445).

Neste mundo em rede, surge o conceito de tempos líquidos e que na modernidade líquida mudança é a única coisa permanente e a incerteza, a única certeza (BAUMAN, 2001). "Estamos agora passando da fase 'sólida' da modernidade para a fase 'fluida'. E os 'fluidos' são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo [...]" (BAUMAN, 2005, p. 57).

Um caso é citado por Bauman (2009) comparando os combates antigos com tiro tenso e os mísseis inteligentes de hoje, os quais fazem correção de rumos e acerto de trajetória, reforçando a ideia de aprender instantaneamente quanto a ideia de reaprender na mesma velocidade, tantas vezes quantos forem necessárias.

Para Bauman (2007), as relações na pós-modernidade são baseadas na desintegração de valores, minando a solidariedade entre os indivíduos, o que pode ser sentido nas cidades ao não fornecerem suas missões básicas: segurança e conforto, abrindo a porta para atores externos e internos que criticam as ações das lideranças, gerando tensões e conflitos.

Na realidade pós-moderna, o ambiente em que vivemos pode ser expresso como volátil, ambíguo, complexo e incerto, conhecido como VUCA, sendo que a "satisfação instantânea parece ser uma estratégia razoável" (BAUMAN, 2001, p. 203), também conhecido como a "cultura de cassino, mostrando a efemeridade das relações sociais e pessoais

Dessa forma, as mudanças se tornam fluidas, sendo baseadas na satisfação imediata, estabelecendo novas redes na organização social, em um processo contínuo de transformação permanente, onde o jogo não é mais entre o "maior" e o "menor", e sim entre o mais rápido e o mais lento, buscando-se, não mais a conquista de novos territórios, mas sim permitir o fluxo de poder global, retirando do outro sua capacidade de formular suas próprias regras (BAUMAN, 2001, p. 234).

No campo da comunicação, esse mundo VUCA é caracterizado pela conectividade dinâmica e veloz que gera um grande volume de informações que são propagadas por meio de sites e de mecanismos interativos, tornando a comunicação independente das mídias tradicionais, inclusive as notícias falsas ou enganosas (MOREIRA, 2020). O uso de uma comunicação estratégica, focada, neste ambiente difuso, vem sendo alavancado pelo uso da internet e das redes sociais, isso não é novidade enquanto tática (FRANCHI; VICHY, 2019).

Segundo WALKER (2018, p. 47, 48), o *Sharp Power* ressalta, primeiro, o renascimento do autoritarismo, tendo em vista o declínio democrático, conhecido por "recessão democrática"; segundo, seriam "os autocratas se beneficiaram da própria abertura dos sistemas democráticos"; terceiro, seriam "os sistemas híbridos de capitalismo estatal na China e na Rússia permitem que os autocratas se infiltrem". Desta forma, "os países autoritários estão ganhando vantagem justamente nas esferas onde as democracias já estiveram em posição de vantagem" (WALKE, 2018, p. 49).

> Um exemplo recente bastante conhecido de *sharp power* é a nítida interferência russa em eleições estrangeiras, com o objetivo de enfraquecer a saúde e credibilidade de regimes democráticos. Tanto a democracia norte-americana como as europeias foram alvos de interferências russas cada vez mais sofisticadas ao longo da última década.
> Pequim e seus representantes também ampliaram sua interferência política nas democracias, com Austrália e Nova Zelândia servindo de campo de testes (WALKER, 2018, p. 49-50).

Walker (2018, p. 50) destaca o *sharp power* é mais forte e aparente "nas esferas cultural, acadêmica, editorial e da imprensa", pois são fundamentais que cada cidadão compreendam o mundo ao seu redor e, por isso, "representam uma grave ameaça aos sistemas democráticos".

> Em países democráticos, as esferas da cultura, academia e os setores editorial e de imprensa (os chamados setores "CAMP", em inglês) são abertos e acessíveis e, obviamente, devem permanecer assim. Infelizmente, no entanto, isso os torna alvos fáceis para a penetração do *sharp power* (WALKER, 2018, p. 52).

A China desenvolveu uma forma de atuar nos campos cultural e acadêmico, por meio de uma rede global, chamado de Instituto Confúcio, com mais de 500 unidades espalhadas pelo mundo, lançados a partir de 2004, possuem "unidades em na África, Europa, Ásia-Pacífico e nas Américas, somente nos Estados Unidos há mais de quinhentos" (WALKER, 2018, p. 52).

> As ambições de Pequim nessa área não deveriam surpreender. Em 2017, o ministro da Educação da China instruiu diplomatas chineses ao redor do mundo a construir uma rede multidimensional de contatos ligando o país ao mundo — a pátria, embaixadas e consulados, agremiações estudantis e o grande número de estudantes no exterior (WALKER, 2018, p. 53).

A questão da "integridade das editoras universitárias", conforme WALKER (2018, p. 53) é um ponto nevrálgico do processo, onde editoras são compelidas a não publicar artigos e livros, de acordo com a opinião de seus financiadores, conforme o caso da "*Cambridge University Press* (CUP) se recusou a publicar o livro de *Karen Dawisha Putin's Kleptocracy: Who Owns Russia*" e a sua "controversa decisão de remover cerca de trezentos artigos de um website chinês que hospedava o periódico *China Quarterly*".

> Tendo aprendido a controlar ideias políticas dentro de seus próprios países, os autocratas agora moldam a globalização para seu próprio proveito, manipulando o debate público no exterior, especialmente no espaço amplamente aberto oferecido pelas democracias (WALKER, 2018, p 54).

Desta forma, WALKER ressalta a grande assimetria entre sistemas livres e não livres, sendo os "sistemas abertos e democráticos são alvos fáceis para regimes autoritários", pois as "plataformas de influência [...] vão além da esfera educacional, envolvendo comércio, cultura, imprensa, tecnologia e centros de pesquisa" (WALKER, 2018, p. 59).

É importante destacar a diferença entre *sharp power* e *soft power*, originalmente cunhado por Josef Nye (2021) sendo este último entendido, por WALKER como os Estados buscando construir uma imagem pública positiva no cenário internacional. Para ele Estados autoritários têm dificuldade de exercer esse tipo de poder, pois, a repressão da sociedade civil "compromete a criatividade e vitalidade cruciais ao *soft power*" (WALKER, 2018, p. 60).

> Devemos evitar ver o *sharp power* como o oposto de *soft power*. Não é verdade que os países podem fazer uso de *sharp* ou de *soft power*, mas não de ambos. Parte do apelo do *soft power* chinês sem dúvida vem de seu investimento e construção de infraestrutura ao redor do mundo. No entanto, como o próprio Nye reconhece, quando alguns limites são ultrapassados, essas

> mudanças nos dizem que os Estados estão trocando o *soft* pelo *sharp power* (WALKER, 2018, p 60).

Neste contexto, emerge o conceito de guerra híbrida, originalmente o termo foi criado, no final do século passado, por Nemeth (2002), para descrever os conflitos do Leste Europeu, buscando a derrubada de governos pró-Rússia, e cresceram com a conhecida primavera Árabe, a qual promoveu a derrubada de governos em vários países no norte da África e Oriente Médio. Atualmente existem diferentes interpretações sobre o conceito a depender se está olhando a partir da Rússia, EUA ou OTAN (FRANCHI; FREIRE; BARROS, 2022).

Segundo Hoffman (2007), a Guerra Híbrida é responsável pelo emprego simultâneo de guerra convencional, não-convencional, regular e irregular, linear e não linear, métodos secretos e abertos travar guerra por autores estatais e não estatais. Posteriormente, o autor apresenta uma evolução do seu conceito inicial.

> (...) as guerras híbridas incorporaram diferentes modos de combate, incluindo capacidades convencionais, táticas irregulares, atos terroristas, incluindo violência indiscriminada, coerção, e desordem criminosa (HOFFMAN, 2014).

Ao longo do tempo, houve muita discussão sobre o termo, não havendo um alinhamento claro sobre o termo, cujo foco do debate está se realmente é uma nova forma de combater ou apenas um neologismo, não sendo algo historicamente novo e é simplesmente uma insurgência (HUBER, 2009).

Entre os críticos do termo está o Exército dos EUA, conforme Guindo *et al* (2015), reconhece o conceito geral, mas não o incorporado a sua doutrina, pois acreditam que trabalhar nas operações em amplo espectro, é o suficiente para que suas forças estejam preparadas para enfrentar esse tipo de guerra.

Apesar do debate acadêmico sobre o termo, este artigo visa estudar a visão russa sobre o assunto, a fim de verificar se abarcar um conjunto viável de aspectos e sua possível utilização como um conjunto teórico.

Assim, para Korybko (2018), aborda o assunto com uma gama de formas de conflito, simultaneamente, empregando os conceitos de guerra convencional, guerra irregular, terrorismo, criminalidade, bem como o uso da guerra cibernética e outros, com o objetivo de desestabilizar a ordem vigente em um Estado Nacional.

Portanto, pode-se afirmar que a guerra hibrida visa criar o caos no território inimigo, usando os conceitos da complexidade, produzindo resultados catastróficos e imprevisíveis, desestabilizando da máquina do Estado, desestruturando a capacidade de reagir, gerando desdobramentos imprevisíveis para a gestão estatal.

Figura 1 – Centros de gravidade principais

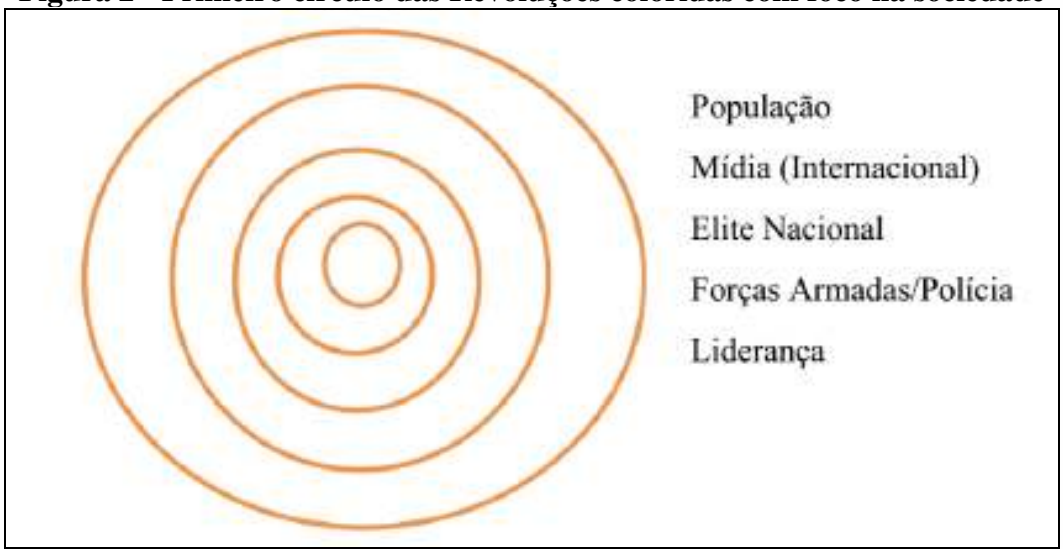


Fonte: Warden (2014).

Ressaltamos, também, a visão de Warden (2014), a qual identifica a força adversária possui cinco centros de gravidade principais, começando pelo núcleo (o mais importante) e expandindo para fora, são eles: liderança, bases do sistema, infraestrutura, população, e mecanismos de combate. Desta forma, um ataque no centro tem efeitos em todos os outros círculos, enquanto na borda tende a ficar na borda.

Para Korybko (2015, p. 18), esse conceito é importantíssimo tanto para as Guerras Não Convencionais ou irregulares como para as Revoluções Coloridas, os dois pilares das Guerras Híbridas.

Figura 2 - Primeiro círculo das Revoluções coloridas com foco na sociedade



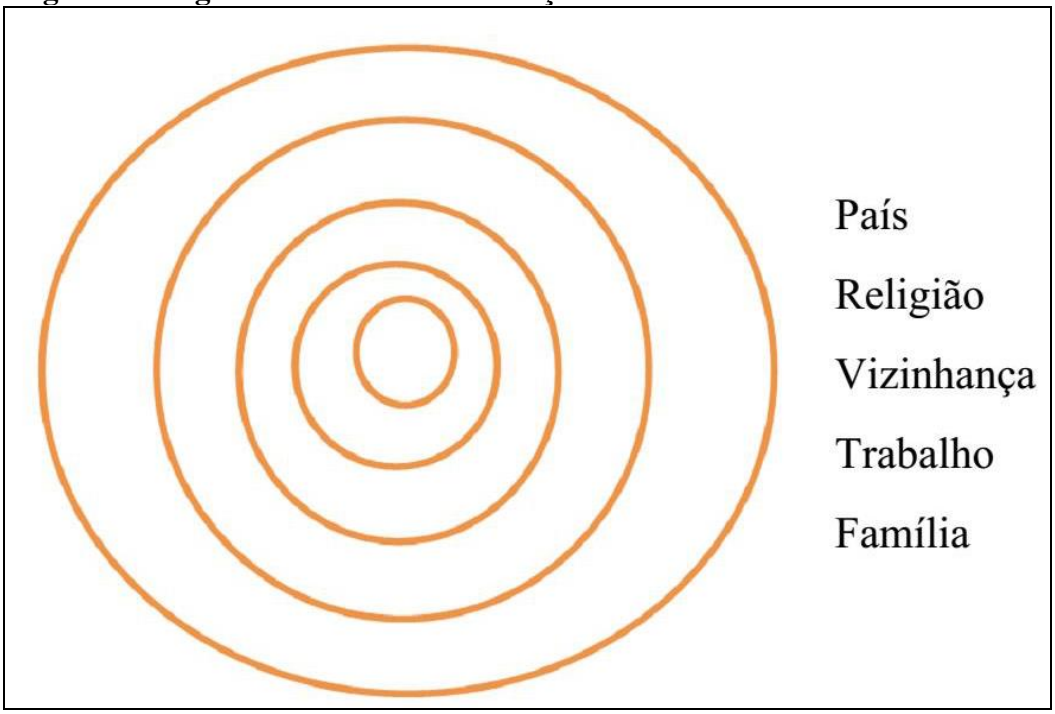
Fonte: Korybko (2015).

Nas Revoluções Coloridas, os Cinco Anéis são abordados de forma diferente, sendo visualizado dois grupos diferentes de anéis, um voltado para o indivíduo e outro para a sociedade. A revolução colorida foca no grupo sociedade, a fim de dar início à desestabilização de uma área ou região.

> O objetivo de uma Revolução Colorida, uma vez iniciada, é tomar o poder e derrubar a liderança do Estado. Ela é muito eficiente para essa finalidade uma vez que une a população em um enxame e faz com que ela subjugue as instituições públicas que representam o governo. O anel mais externo, portanto, une-se (ou, mais importantemente, dá a impressão de unir-se) para atingir diretamente o anel interno, driblando os demais. Se as forças armadas/polícia vierem ao socorro do anel-núcleo liderança e forem bem-sucedidas em repelir a ofensiva, está armado o cenário para uma Guerra Não Convencional, ainda que em baixas proporções como nos eventos na Ucrânia (e sem desfecho como na Síria).
>
> A elite é o terceiro anel mais profundo porque tem o poder de influenciar a mídia e a população, mas em geral é incapaz de induzir as forças armadas ou a polícia. As mídias internacional e nacional têm graus variantes de importância dependendo do Estado alvo, mas ambas têm algum efeito sobre a população. A mídia contra o governo (internacional) pode deixar as autoridades desconfortáveis e hesitantes em se defender da tentativa de golpe da Revolução Colorida, mas esse não é um fator decisivo para a queda ou não do governo (KORYBO, 2015, p. 19).

O outro grupo de anel visualizado pela Revolução Colorida é o indivíduo, no qual passa a ser o centro das atenções antes do início da desestabilização de uma região, contudo, dependendo da localidade, as diferenças culturais, demográficas, sociais, entre outros, exigem constantes mudanças de ações, visando alcançar o êxito desejado.

Figura 3 – Segundo círculo das Revoluções coloridas com foco no indivíduo



Fonte: Korybko (2015).

As Revoluções coloridas usam as técnicas de psicologia das massas que Edward Bernays explicou em seu livro "Propaganda" (1928), servindo como base para os processos de comunicação de massa reverberando as mensagens do processo revolucionário, cabendo a um pequeno número de pessoas em grande parte invisíveis influenciando e orientando a forma de pensar das massas.

Os avanços da tecnologia da informação e dos meios de comunicação intensificam as transmissões das informações em uma velocidade extremamente alta, onde as mensagens geradas se espalham para um grande número de pessoas, irradiando nas redes sociais com rapidez. O Caso esquemático é do uso do Facebook como ferramenta para organizar protestos em larga escala e realizar operações de influência em todo o mundo, sendo usada pelas empresas privadas de tecnologias (as Big Tech) e as Forças Armadas dos EUA, gerando, por meio da engenharia social, a criação de contas, as quais influenciam um grupo pequenos oculto, que passa a influenciar um grupo maior e assim por diante até conseguir seu objetivo de gerar consenso (NIEKERK; MAHARAJ, 2012).

Para Korybko (2015), as revoluções coloridas seriam o primeiro passo e possuem as seguintes características: violência limitada, urbana, social, caos contra as autoridades, mais barata e baseada nas redes sociais. O segundo passo seria a guerra irregular ou não convencional com as seguintes características: violência generalizada, urbana e rural, em sua maior parte física, um pouco social, caos contra tudo, mais cara e baseada nas redes físicas. A guerra híbrida, portanto, é o somatório das duas.

De maneira geral, as Revoluções coloridas podem ser subdivididos em várias categorias de infraestrutura primárias: Ideologia, Financiamento, Social, Treinamento, Informação e Mídia (KORYBKO, 2015).

> A Ideologia é o foco central, é a ideia motriz que dá movimento a todos os demais fatores presentes em uma Revolução Colorida, sendo a forma tradicional a Democracia Liberal, a qual busca "libertar" os Estados alvo de governos vistos como anti-Liberal Democráticos (ou seja, não Ocidentais) (KORYBKO, 2015, p. 86-87).

O Financiamento de qualquer ideologia precisa de uma infraestrutura financeira para facilitar sua permeabilidade em uma sociedade. Já, o Social envolve as pessoas de carne e osso, sendo o motor de engajamento direto da Revolução. Antes do "Acontecimento", que é o estopim da revolução, ele pode ser dividido em três níveis: 1) Núcleo (Vanguarda); 2) Coortes (Assistentes); e 3) Civis (Simpatizantes). "O Acontecimento" une todos esses três níveis em uma só unidade, dando à Revolução Colorida a impressão de ser uma iniciativa de base unificada, onde um pequeno grupo de indivíduos na vanguarda rege o Movimento inteiro, unindo as Coortes e os Civis (KORYBKO, 2015).

O Treinamento é indispensável e pode ocorrer de dentro ou de fora do país. Já, a Informação trata da disseminação ideológica e é de extrema importância para ajudar no recrutamento para a

Infraestrutura Social (Coortes e Civis). Ela possui dois elementos principais: Mídias Sociais e Materiais de Propaganda (KORYBKO, 2015).

E, por fim, a Mídia, a qual é o ponto culminante de toda a Infraestrutura do Movimento. A Mídia pode ser a Nova (blogs, sites de notícia alternativos) ou a Tradicional (TV, jornais), a qual dá legitimidade aos conceitos exarados pela revolução colorida, tentando consolidar a percepção que a sociedade apoia o movimento em questão e que sua luta é justa (KORYBKO, 2015).

Desta forma, citamos Paiva (2012), quando afirma que os conflitos na Amazônia podem ter motivação interna ou externa, podendo tornarem-se ameaças híbridas usadas pelos interessados.

> **interna**: "posse de terras; exploração de recursos florestais, minerais e outros; minorias locais, inclusive indígenas; ações de movimentos sociais ou ditos sociais, na realidade ideológicos; e ilícitos diversos, inclusive os transnacionais com ligações no País";
>
> **externa**: "a defesa e exploração soberana de recursos; pela migração de populações nacionais e estrangeiras na faixa de fronteiras, reação à ingerência de potências extra-regionais, que usem temas da *agenda global* como pretexto, pelo controle de posições estratégicas importantes como a foz do rio Amazonas e pela liderança na América do Sul com países da região ou com potências alienígenas" (PAIVA, 2012, p. 33-34, *destaque nosso*).

Côrtes (2006) cita outros assuntos relacionados as fronteiras brasileiras que podem ser securitizados: como uma reivindicação jurídica, implicações de reivindicações de terceiros, pressões para adoção de legislação interna ou assinatura de acordos lesivos ao interesse nacional, ameaça militar, ameaça armada de movimentos subversivos, atividades ilícitas, porosidade decorrente de intensa atividade econômica e vazios demográficos.

Nesta sequência, destacamos que o Livro Branco de Defesa Nacional, também, apresenta alguns temas novos ou novas formas de abordar temas tradicionais, gerando zonas cinzentas ou constabulares, na qual fica difícil definir as diferenças entre as ações da defesa nacional e da segurança pública, ficando conhecidos na literatura especializada como as "novas ameaças", conforme segue:

> Novos temas – ou novas formas de abordar temas tradicionais – passaram a influir no ambiente internacional do século XXI. As implicações para a Defesa Nacional advindas do problema mundial das drogas e do tráfico internacional de armas, da necessidade de proteção da biodiversidade, da eventualidade de ocorrência de ataques cibernéticos, das possíveis tensões decorrentes da crescente escassez de recursos, das pandemias, dos ilícitos transnacionais, do terrorismo internacional, da pirataria entre outros, explicitam a crescente transversalidade dos temas ligados à Defesa Nacional, que ultrapassam a visão tradicional de ameaças potenciais ou manifestas focadas somente em possíveis tensões ou crises entre Estados (BRASIL, 2020, p. 15).

Acresce de importância, nesta análise, a desconstrução de padrões estabelecidos, as quais podem ser identificadas como novas formas de ameaças ou ameaças líquidas, securitizando temas já citados em relação à Amazônia.

Nesta linha, Benchimol (1992) adverte sobre a tentativa de implantar o conceito de balcanização ecológica na Amazônia, tentando relativizar a soberania nacional sobre esta região, o que gerou as considerações de Boniface (2001), o qual afirma que caso o Brasil não proteja corretamente sua floresta, é dever dos outros Estados fazê-lo em nome de toda a humanidade, inclusive a "*manu militari*", conforme o conceito de Responsabilidade de Proteger (R2P), no qual os Estados garantes assumem a responsabilidade de proteger a população de qualquer país "contra o genocídio, crimes de guerras, [...]", ficando em condições de "[...] apoiar a ONU na criação de um dispositivo de alerta rápido" (ONU, 2005, p. 40) e da evolução, deste conceito, para o de assistência internacional, resposta oportuna e proteção do Estado (ONU, 2009).

MÉTODOS E DADOS

O problema da pesquisa é de natureza explicativa, pois busca explicar as possíveis relações entre as ameaças líquidas e híbridas aplicáveis ao caótico ambiente amazônico, e descritiva, em função da atualidade do fenômeno das revoluções coloridas como parte da guerra híbrida.

Será realizada uma pesquisa de campo, por meio de questionário estruturado com itens fechados, na primeira parte do questionário, com temas relacionados com as revoluções coloridas, as ameaças líquidas e híbridas, com uma pesquisa tipo *Survey* com cinco níveis de resposta na escala *Likert*.

O Universo da pesquisa é de cerca de 305 (trezentos e cinco) militares compostos pelos corpos discente do Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército (CPEAEx) da Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME), com efetivo de cerca de 54 (cinquenta e quatro) militares, e do Curso de Comando e Estado-Maior (CCEM), do 2º ano, da ECEME, com efetivo de cerca de 125 (cento e vinte e cinco) militares; do Curso de Política e Estratégia Marítimas (C-PEM) da Escola de Guerra Naval (EGN), com efetivo de cerca de 45 (quarenta e cinco) militares; e do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia (CAEPE) Escola Superior de Guerra (ESG), com efetivo de cerca de 81 (oitenta e um) militares.

A amostra será selecionada seguindo o método de amostragem probabilística por conglomerados, garantindo uma margem de erro de cerca de 5% e um nível de significância de cerca de 95% (HAIR *et al.*, 2005). Assim, a amostra dessa pesquisa deveria ser em torno de 137 (cento e trinta e sete) respondentes, mas foi alcançado o efetivo de 162 (cento e sessenta e duas). Os questionários foram aplicados no ano de 2021, por meio de um questionário online enviado aos alunos de cada Escola.

O tratamento dos dados seguirá o método quantitativo, usando o *software* SPSS 22.0 como ferramenta de processamento, de forma a auxiliar uma Análise Fatorial e uma Regressão Logística

Binária, produzindo dados confiáveis. As hipóteses da presente investigação quantitativa foram as seguintes:

- H1: o conceito de Revolução Colorida pode ser aplicado a Amazônia.
- H2: o conceito de ameaça híbrida pode ser aplicado a Amazônia.
- H3: o conceito de ameaça líquida pode ser aplicado a Amazônia.

As limitações do presente estudo estão na seleção da amostra, já que somente os integrantes das referidas Escolas serão ouvidos, o que pode prejudicar as generalizações decorrentes. Torna-se interessante a aplicação deste questionário em outros institutos de ensino, a fim de ampliar as referidas generalizações elencadas no presente trabalho. Ainda, ressalta-se que os resultados são baseados nas opiniões dos entrevistados.

RESULTADOS

Realizada a coleta de dados, passaremos a analisar os dados do público pesquisado, chegando aos seguintes valores: 96,4% dos entrevistados são militares com o curso de altos estudos militares das três Forças Armadas, sendo 50% com curso de Pós-graduação, 42% com Mestrado e 7,4% com Doutorado. Além disso, 54,9% já viveu na Amazônia Brasileira, sendo 20,2% com 10 (dez) anos ou mais, 34,8% com 5 (cinco) anos ou mais e 27% com mais de 2 (dois) anos.

Em seguida, o próximo passo foi a verificação do *Alfa de Cronbach*, para determinar se as 6 (seis) variáveis levantadas no construto "**Revoluções Coloridas**" são suficientes para explicá-lo, ou seja, se são confiáveis, encontrando-se o valor de 0,863, portanto, acima do recomendado, conforme orienta HAIR *et. al*. (2009), que os valores desejáveis são os acima de 0,7.

Desta forma, seguem as 6 (seis) variáveis citadas: variável "ideologia" (ideo), variável "social" (soc), variável "financiamento" (financ), variável "disseminação da informação" (dissem), variável "treinamento" (trein) e a variável "uso da mídia" (midia).

A validação externa por meio da validade de conteúdo, também chamada de *face validity*, onde um especialista confirma a qualidade da pesquisa, foi buscada e alcançada, devido a análise de um especialista no assunto sobre o questionário montado.

Após a verificação da confiabilidade e da validade do construto, foi realizada a análise fatorial, surgindo apenas um fator englobando todas as variáveis propostas por Korybko (2015), confirmando, estatisticamente, a hipótese H1 da investigação, pois foi possível agrupá-las em um único componente.

Tabela 1 – Matriz de Componentes

	Componente
	1
IDEO	0,768
FINANC	0,789
SOC	0,858
TREIN	0,564
DISSEM	0,828
MIDIA	0,808

Fonte: Elaboração própria.

Da análise da tabela 1, no construto (revoluções coloridas) destacam-se três variáveis mais importantes: questão social (soc), questão da disseminação da informação (dissem) e o uso da mídia (midia) com valores de 0,858, 0,828 e 0,808, respectivamente.

Tabela 2 – Correlações de Variáveis

		IDEO	FINANC	SOC	TREIN	DISSEM	MIDIA
Correlação	IDEO	1,000	,560	,577	,374	,522	,519
	FINANC	,560	1,000	,644	,363	,534	,525
	SOC	,577	,644	1,000	,394	,662	,637
	TREIN	,374	,363	,394	1,000	,371	,311
	DISSEM	,522	,534	,662	,371	1,000	,689
	MIDIA	,519	,525	,637	,311	,689	1,000
Sig. (1 extremidade)	IDEO		,000	,000	,000	,000	,000
	FINANC	,000		,000	,000	,000	,000
	SOC	,000	,000		,000	,000	,000
	TREIN	,000	,000	,000		,000	,000
	DISSEM	,000	,000	,000	,000		,000
	MIDIA	,000	,000	,000	,000	,000	

Fonte: Elaboração própria.

Com base na tabela 2, foi possível estabelecer correlações entre as variáveis analisadas, destacando as consideradas aceitáveis, sempre quando superior a 50%. Assim, constatou-se que, conforme o respondente escolhia a variável "social" (soc), aumenta em 64,4% a chance de eleger a variável "financiamento" (financ).

Observou-se, também que, conforme o respondente apontasse a variável "disseminação da informação" (dissem), aumentaria em 53,4% a chance de destacar a variável "financiamento" (financ), crescendo em 66,2% a chance de escolha da variável "social" (soc). Ressalta-se, ainda, que a escolha da variável "uso da mídia" (midia) aumenta em 63,7% a chance de escolha da variável "social" (soc).

Na regressão logística referentes as hipóteses H2 e H3, buscou-se avaliar, por intermédio do *Omnibus Tests of Model Coefficients*, a chance das hipóteses levantadas ocorrerem, ou seja, confirmar

se as ameaças híbridas e líquidas podem ser usadas na Amazônia Brasileira. Na pesquisa em tela, a rejeição se dá quando a significância for inferior a 0,001, sendo encontrada os valores de 0,083 e 0,152, ou seja, as variáveis utilizadas aumentam a capacidade de prever que a priorização da opinião de um respondente seja de que as ameaças híbridas e líquidas, respectivamente, podem ser usadas na Amazônia brasileira.

Foi realizado, também, o teste de *Hosmer-Lemeshow*, para verificar se o modelo apresentado ajusta-se bem aos dados. Assim, os valores alcançados foram 1,000 e 0,328 para as ameaças híbridas (H2) e líquidas (H3), respectivamente, indicando bom ajustamento à pesquisa realizada, tendo em vista o resultado superior a 0,05, mostrando sua significância estatística.

Tabela 3 – Variáveis na equação sobre as ameaças híbridas (H2)

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)	95% C.I. para EXP(B)	
								Inferior	Superior
Etapa 1[a]	IDEO	-75,42	2641,11	,00		,97	,00	,00	.
	FINANC	-131,70	4606,67	,00		,97	,00	,00	.
	SOC	65,97	2389,95	,00		,97	4499E +2	,00	.
	TREIN	-141,31	4761,55	,00		,97	,00	,00	.
	DISSEM	64,94	2270,94	,00		,97	1608E+2	,00	.
	MIDIA	-8,74	639,37	,00		,98	,00	,00	.
	Constante	1135,52	38505,90	,00		,97			

Fonte: Elaboração própria.

Pela análise da tabela 3, verificou-se que os indivíduos que priorizariam a escolha das perspectivas “social” (soc) (65,976) e “disseminação da informação” (dissem) (64,947), tendendo a perceber, paralelamente, as variáveis elencadas contribuem positivamente para a condução do processo de aplicação das ameaças híbridas na Amazônia. Assim, também, verificou-se que aqueles priorizam as perspectivas “ideologia” (ideo) (-75,425), “financiamento” (financ) (-131,706), “treinamento” (trein) (-141,316) e “questão do uso de mídia” (midia) (-8,747), tendem a perceber as variáveis elencadas contribuem para a condução deste processo negativamente.

Tabela 4 – Variáveis na equação sobre as ameaças líquidas (H3)

		B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp(B)	95% C.I. para EXP(B)	
								Inferior	Superior
Etapa 1[a]	IDEO	,635	,538	1,395	1	,238	1,887	,658	5,410
	FINANC	-1,293	,866	2,227	1	,136	,274	,050	1,499
	SOC	,760	,847	,805	1	,370	2,138	,406	11,245
	TREIN	,636	,324	3,846	1	,050	1,889	1,000	3,567
	DISSEM	-,325	,920	,125	1	,724	,723	,119	4,385
	MIDIA	,399	,768	,269	1	,604	1,490	,331	6,715
	Constante	-,410	2,605	,025	1	,875	,664		

Fonte: Elaboração própria.

Pela análise da tabela 4, verificou-se que os indivíduos que priorizariam a escolha das perspectivas “ideologia” (ideo) (60,635), “social” (soc) (0,760), “treinamento” (trein) (0,636) e “questão do uso de mídia” (midia) (0,399), tendendo a perceber, paralelamente, as variáveis elencadas contribuem positivamente para a condução do processo de aplicação das ameaças líquidas na Amazônia. Assim, também, verificou-se que aqueles priorizam as perspectivas “financiamento” (financ) (-1,293) e “disseminação da informação” (dissem) (-0,325), tendem a perceber as variáveis elencadas contribuem para a condução deste processo negativamente.

Cabe destacar que, o modelo obtido foi capaz de prever corretamente 98,8% das respostas da hipótese H2 e 93,8% das respostas da hipótese H3. Em termos totais, de 162 (cento e sessenta e duas) respostas válidas, o modelo apresentou acerto em 160 (cento e sessenta) vezes para a hipótese H2 e em 152 (cento e cinquenta e duas) vezes para a hipótese H3. Por esse motivo, pode-se dizer que o modelo adotado teve uma capacidade de previsão satisfatória e, por isso, pode-se afirmar que as hipóteses H2 e H3 foram confirmadas.

ANÁLISES

Incialmente, cabe destacar que a estatística descritiva demonstrou que há consenso acerca dos fatores da revolução colorida sobre a Amazônia, com valores acima de 4 (quatro), já que com valores da média são superiores a 3, há tendência para a concordância, ou seja, os respondentes, de modo geral, acreditam que as perspectivas da teoria eleita, a lembrar Korybko (2015), são relevantes para explicar a aplicação dos conceitos relativos às revoluções coloridas na região amazônica.

Realizada a análise fatorial, destacaram-se as seguintes variáveis como de maior destaque, com base em KORYBKO (2015): “social”, “disseminação da informação” e o “uso da mídia”. Tal fato indica que os respondentes identificam nestes três fatores os aspectos principais, que influenciam no processo de aplicação das revoluções coloridas na Amazônia. Esse aspecto ficou em evidência na tabela de correlações, onde a perspectiva “social”, possui um alto índice de correlação com a perspectiva “financiamento”.

Neste sentido, conferem com as ideias de Castells (1999) e Price (2004), pois os atores geram uma sociedade em rede e que estas são essenciais para compreender as relações complexas de grupos e indivíduos, com destaque para as empresas, movimentos sociais, organizações criminosas e outras, conforme afirma Filho (2014).

Esse mundo em rede, está imerso na modernidade líquida de Bauman (2001; 2007), onde a desintegração de valores favorece o surgimento atores externos e internos que necessitam de

financiamento para suas ações, a fim de se manterem neste ambiente volátil, ambíguo, complexo e incerto, também conhecido como mundo VUCA (MOREIRA, 2020).

Da mesma forma, a "disseminação da informação" de Korybko (2015) é parte fundamental das revoluções coloridas que é parte integrante da guerra híbrida, e que segundo Walker (2018) é muito utilizado por países que desejam penetrar o ambiente informacional e político dos países alvejados, conhecido como Sharp Power, necessitando de um grande investimento para manter toda a infraestrutura revolucionária, aqui entendida sob a perspectiva do "financiamento", gerando uma grande influência nas esferas cultural, acadêmica, editorial e da imprensa, permitindo uma mudança no ambiente social de interesse.

Também, podemos destacar que a perspectiva "uso da mídia", segundo Korybko (2015) é parte essencial no processo de construção do ambiente propício para o início da revolução, conforme as técnicas de psicologia das massas de Bernays (1928), catalisando a comunicação de massa na sociedades alvos, como o caso do uso do *Facebook* como ferramenta para organizar protestos em larga escala, conforme relata Niekerk e Maharaj (2012) no caso da ação das Forças Armadas dos EUA e as empresas privadas de tecnologias (as Big Tech).

Contudo, na PRIMEIRA análise logística binária realizada, os resultados permitiram uma visão sobre os fatores que mais afetam a percepção sobre o emprego das "AMEAÇAS HÍBRIDAS", a fim de imporem restrições ou condicionantes ao Brasil, no uso das potencialidades da AMAZÔNIA BRASILEIRA. Ao analisar os dados, constatou-se que os quesitos de maior importância para esta condução, conforme a amostra, são as dimensões "social" e "disseminação da informação".

Esta percepção pode ser corroborada pelo entendimento do caótico ambiente amazônico, pois a disputa constante entre desenvolvimentista e preservacionista, aumenta a entropia na região, conforme Wheatley (2006), devido a divulgação das informações variadas, afetando todos os aspectos sociais, como o ordenamento espacial de Ferreira *et al* (2005), a autopoiese de Anselmo (2005) e Wheatly (2006), confirmada pela criação da OTCA de Becker (2005).

Além disso, Becker (2005) ressalta os dois movimentos geopolíticos internacionais sobre a região em análise, favorecendo a ação de atores externos como Presidente Francês, Macron, os quais fazem uso das mídias, a fim de alcançarem seus objetivos, aumentando a pressão pelo *Sharp power* disponível contra o Brasil, dificultando as ações brasileiras no exterior, conforme afirma Walker (2018),

Porém, é importante ressaltar que conforme os respondentes escolhem os fatores "ideologia", "financiamento", "treinamento", "uso de mídia", há declínio na aceitação da percepção do emprego das "AMEAÇAS HÍBRIDAS" na Amazônia.

Esta percepção pode ser corroborada pelo entendimento de Korybko (2015) ao relacionar o treinamento dos envolvidos nas revoluções coloridas com o financiamento necessário e com Walker (2018) com estabelece que a ideologia adotada usa as mídias pra seus propósitos, mas isso traz a percepção dos respondentes de dificuldades para empregá-los na Amazônia como "AMEAÇAS HÍBRIDAS".

Contudo, na SEGUNDA análise logística binária realizada, os resultados permitiram uma visão sobre os fatores que mais afetam a percepção sobre o emprego das "AMEAÇAS LÍQUIDAS", a fim de imporem restrições ou condicionantes ao Brasil, no uso das potencialidades da AMAZÔNIA BRASILEIRA. Ao analisar os dados, constatou-se que os quesitos de maior importância para esta condução, conforme a amostra, são as dimensões "ideologia", "social", "treinamento" e "uso de mídia".

Esta percepção pode ser corroborada pelo entendimento da liquidez dos tempos modernos de Bauman (2001; 2007), onde a desintegração de valores passa a ser uma constante na sociedade, dentro do conceito da cultura de cassino de Bauman (2001), que passa ser a ideologia vigente, mas que necessita da mídia para divulgar cada vez mais e de treinamento, como o caso das editoras universitárias, de acordo com Walker (2018), que seguem orientações e treinamento de países com forte *Sharp power*, como a China e Rússia.

Porém, é importante ressaltar que conforme os respondentes escolhem os fatores "financiamento" e "disseminação da informação", há declínio na aceitação da percepção do emprego das "AMEAÇAS LÍQUIDAS" na Amazônia.

Esta percepção pode ser corroborada pelo entendimento de Castells (1999) ao ressaltar a necessidade das redes e projetos para o convívio em sociedade, gerando um fluxo de poder global, segundo Bauman (2001), o que faz crescer a busca de financiamento para estas atividades, bem como a necessidade da disseminação da informação para alcançar os objetivos almejados, conforme Walker (2018), mas isso traz a percepção dos respondentes de dificuldades para empregá-los na Amazônia como "AMEAÇAS LÍQUIDAS".

CONCLUSÃO

Este artigo não visa debater a pluralidade de abordagens sobre o termo "Guerra Híbrida", mas usando um termo usado na visão Russa, se teria aplicabilidade em nossa região, relacionando-as, inclusive, com as ameaças líquidas e a teoria do caos aplicada à Amazônia, pela sua complexa abordagem em assuntos de defesa.

Após as análises fatorial e logística, podemos afirmar que as perspectivas das revoluções coloridas de Korybko (2015) são suficientes para explicá-la, devido aos altos valores alcançados nas análises realizadas e na confiabilidade obtida.

A primeira contribuição está na confirmação das 6 (seis) variáveis de Korybko: "ideologia", "social", "financiamento", "disseminação da informação", "treinamento" e "uso da mídia", as quais podem ser usadas para impor restrições ou condicionantes ao Brasil, no uso das potencialidades da AMAZÔNIA BRASILEIRA, confirmando a primeira hipótese deste trabalho, explicando 86,3% do construto revoluções coloridas.

A segunda contribuição está na confirmação da primeira regressão logística, a qual estabelece a percepção dos respondentes sobre o emprego das "AMEAÇAS HÍBRIDAS", a fim de imporem restrições ou condicionantes ao Brasil, no uso das potencialidades da AMAZÔNIA BRASILEIRA, confirmando a segunda hipótese deste trabalho, ao ressaltar que os quesitos de maior importância para esta condução são as dimensões "social" e "disseminação da informação".

A terceira contribuição está na confirmação da segunda regressão logística, a qual estabelece a percepção dos respondentes sobre o emprego das "AMEAÇAS LÍQUIDAS", a fim de imporem restrições ou condicionantes ao Brasil, no uso das potencialidades da AMAZÔNIA BRASILEIRA, confirmando a segunda hipótese deste trabalho, ao ressaltar que os quesitos de maior importância para esta condução são as dimensões "ideologia", "social", "treinamento" e "uso de mídia".

Por fim, este trabalho advoga a forte relação entre as ideias de Korybko (2015) e Weatley (2018), de forma que o *sharp power* de países interessados na Amazônia não sejam usados, na forma das revoluções coloridas, como parte integrante das conhecidas guerras híbridas, ao reforçar as ameaças líquidas existentes no caótico ambiente amazônico brasileiro.

REFERÊNCIAS

ANSELMO, E. **Modelo de gestão não linear**: a Teoria do Caos e Complexidade aplicada à gestão de empresas de alto crescimento em ambientes dinâmicos e imprevisíveis (Tese de Doutorado em Administração). São Paulo: USP, 2005.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

BECKER, B. K. "Geopolítica da Amazônia". **Revista de Estudos Avançados**, vol. 19, n. 53, 2005.

BENCHIMOL, S. **Amazônia**: a guerra na floresta. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1992.

BERNAYS, E. "Propaganda". **Whale** [1928]. Disponível em: <www.whale.to>. Acesso em: 23/12/2023.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O Novo Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

BONIFACE, P. **Les guerres de demain**. Paris: Éditions du Seuil, 2001.

BORGES, L. R. M. "Desenvolvimentismo e resistência no contexto de implantação de grandes projetos na Amazônia brasileira: a disputa territorial em torno das usinas hidroelétricas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)". **Monções: Revista de Relações Internacionais**, vol. 9, n. 18, 2020.

BRASIL. **Livro Branco de Defesa Nacional**. Brasília: Ministério da Defesa, 2020.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CKEIK, J. **Chaos making a new Science**. New York: Penguin Group, 2008.

CÔRTES, M. H. C. "As violações invisíveis das fronteiras". **Revista Defesa Nacional**, vol. 8, n. 20, 2006.

COSTA, J. A. F.; SOLA, F. "Amazônia Verde e Azul: desenvolvimento e ambiente". *In*: BARBOSA JUNIOR, I.; MORE, R. F. (orgs.). **Amazônia Azul política, estratégia e Direito para o Oceano do Brasil**. Rio de Janeiro: SagServ, 2012.

COSTA, V. L. M. "Cooperação Internacional, Paradiplomacia e Amazônia: A Importância da Cooperação Amazônica para o Tocantins". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 6, 2020.

ESPÓSITO NETO, T.; GHADIE, A. M. "Paradiplomacia da Cidade de Dourados-MS: Um Estudo sobre os Desafios da Internacionalização dos Municípios de Médio Porte na Faixa de Fronteira". **Estudos Internacionais: Revista de Relações Internacionais**, vol. 10, n. 2, 2022.

FERREIRA, L. V.; VENTICINQUE, E.; ALMEIDA, S. "O desmatamento na Amazônia e a importância das áreas protegidas". **Revista Estudos Avançados**, vol. 19, n. 53, 2005.

FRANCHI, T.; DRUMMOND, J. A. L. "A construção da natureza amazônica no discurso de militares brasileiros no século XXI". *In*: SILVA, F. R.; FRANCHI, T. (orgs.). **Exército Brasileiro**: Perspectivas Interdisciplinares, 2022.

FRANCHI, T.; FREIRE, J. J.; BARROS, A. J. J. "Guerra Híbrida, "Gibridnaya Voyna"? Diferenças nos Contornos Conceituais Russos e Ocidentais". **Revista Agulhas Negras**, vol. 6, n. 7, 2022.

FRANCHI, T.; VICHI, L. "The beginning of warfare on the internet: Zapatista Strategic Communications". **Defence Strategic Communications**, vol. 6, 2019.

FREITAS, W. B. **As teorias do caos e da complexidade na gestão estratégica** (Dissertação de Mestrado em Administração). São Caetano do Sul: USCS, 2005.

GUINDO, M. G.; MARTÍNEZ, G.; GONZÁLEZ, V. **La Guerra Híbrida**: nociones preliminares y su repercusión em el planeamiento de los países y organizaciones occidentales. Granada: Instituto Español de Estudios Estratégicos, 2015.

HANAN, S.; BATALHA, B. H. L. **Amazônia**: contradições no paraíso ecológico. São Paulo: Editora Cultura, 1995.

HOFFMAN, F. "Studies on Not-So-New Warfare: Political Warfare vs. Hybrid Threats". **Center for Security Studies** [2014]. Disponível em: <www.css.ethz.ch>. Acesso em: 23/12/2023.

HOFFMANN, F. G. **Conflict in the 21stCentury**: The Rise of Hybrid Wars. Arlington: Institute for Policy Studies, 2007.

KORYBKO, A. **Guerras Híbridas**: A abordagem adaptativa indireta com vistas à troca de regime (Tese de Doutorado em Estudos Estratégicos). Moscou: Universidade de Moscou, 2015.

KORYBKO, A. **Guerras Híbridas**: das Revoluções Coloridas aos Golpes. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2018.

LOPES, R. A. S. "Revisitando a Geopolítica e Geohistória Militar: da Amazônia a Roraima". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 5, n. 13, 2021.

MATOS, J. G. R.; MATOS, R. M. B.; ALMEIDA, J. R. **Análise do ambiente corporativo**: do caos organizado ao planejamento estratégico das organizações. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2007.

McBRIDE, N. "Chaos theory as a model for interpreting information systems in organizations". **Information Systems Journal**, vol. 15, n. 3, 2005.

MOREIRA, M. H. T. "O Impacto das *Fake News* nas Estratégias de Comunicação das Organizações Públicas Brasileiras". *In*: FÉLIX, J. (org.) **Comunicação Estratégica**: a visão de 23 renomados autores de 5 países. Brasília: Editora Rede Integrada, 2020.

NEIVA FILHO, I. F. "Complexidade, Caos e a Arte da Guerra". **Coleção Meira Mattos: Revista das Ciências Militares**, vol. 8, n. 32, 2014.

NEMETH, W. J. **Future war and Chechnya**: a case for hybrid warfare (These Doctored). Monterey: Naval Postgraduate School, 2002.

NIEKERK, B. V.; MAHARAJ, M. "Social Media and Information Conflict.". **International Journal of Communication**, vol. 7, 2012.

NYE, J. S. "Soft power: the evolution of a concept". **Journal of Political Power**, vol. 14, n. 1, 2021.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Documento final da Cimeira Mundial**. Nova Iorque: ONU, 2005.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Implementing the responsibility to protect: Report of the Secretary-General**. Nova Iorque: ONU, 2009.

PAIVA, L. E. R. "O presente e o futuro da dissuasão brasileira". *In*: MORAES, R. F.; FILHO, E. B. S. (orgs.). **Defesa Nacional para o século XXI**: Política Internacional, Estratégia e Tecnologia Militar. Rio de Janeiro: IPEA, 2012.

PRICE, I. “Complexity, complicatedness and complexity: A new science behind organizational intervention?” **E:CO**, vol. 6, n. 1, 2004.

RESENDE, J. M. S.; DIAS, G. M. “Teoria da Complexidade: uma nova opção epistemológica para as Ciências Militares?”. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, vol. 8, n. 1, 2021.

SMITH, A. “Three scenarios for applying chaos: theory in consumer research”. **Journal of Marketing Management**, vol. 18, n. 6, 2002.

VARGAS, D. B.; MINEV, D. **Para preservar, Amazônia precisa se desenvolver**. São Paulo: Editora FGV, 2021.

VIEIRA, E. J.; MARTINS, H. C.; GONÇALVES, C. A. “Aplicabilidade da Teoria do Caos a Organizações”. **Nucleus**, vol. 11, n. 2, 2014.

WALKER, C. “O que é ‘sharp power’ e como ele perfura as instituições democráticas”. **Journal of Democracy**, vol. 7, n. 2, 2018.

WARDEN, J. “The Enemy as a System”. **Emory** [1995]. Disponível em: <www.emory.edu>. Acesso em: 23/12/2022.

WHEATLEY, M. J. **Liderança e a nova ciência**: descobrindo a ordem num mundo caótico. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 13 | Nº 38| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima